



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Conde da Floresta Negra, Dr. Grotius, Visconde de Cock Tail  
e Vice-Consul dos Paizes Baixos.

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 28 DE MARÇO DE 1868.

N 14.

Aos leitores.

Com pesar comunicamos aos leitores que o nosso illustre collega o Sr. Almirante Duque de Pick-Nick deixou a redacção do X.

Consola-nos porém a idéa de que continuará como colaborador, não furtando assim aos nossos leitores o prazer de continuar a lér os seus interessantes escriptos.

Como um dos fundadores do jornal trabalhou com toda a dedicação — dedicação essa a que devemos a existencia de nossa folha, até hoje só interrompida na occasião do Carnaval, pela aglomeração de affazeres a elle relativos.

O Conde da Floresta Negra, Visconde de Cock-Tail, Dr. Grotius, e Vice-consul dos Paizes-Baixos, tomam de hoje em diante a sua direcção, como redactores principaes, devendo ser dirigidos a esses os artigos ou reclamações que lhe dizem respeito.

Rio de Janeiro, 28 de Março  
de 1868.

Como a nuvem que paira sobre um vale, projectando sua benefica sombra sobre as flores, e depois parte levada pelo vento atravez dos páramos azues; assim pairou sobre nós a nuvem mensageira da doudice do Carnaval.

As flores reviveram com a sombra, assim como os animos tristes e abatidos reviveram com as alegres e vehementes expansões dos filhos da phantasia; dos sectarios de Democrito.

O Carnaval de 1868 passou para o dominio do passado, deixando no animo da populaçao da Corte as mais vivas recordações e as mais acerbias saudades, se é que nos permitem a expressão.

— Permitto, sim senhor, dirá qualquer interessante e amavel joven que já toca ao pianno a polka X e que desde já declara ao papai querer casar com um X, uma letra, um dez,

uma incognita; como lhe chamam, a despeito das *linguinhas de prata*.....

... Emfim, lá se foi o periodo da febre, do delirio e da loucura; lá se foi o antídoto da tristeza; o elixir distillado do labio atravez de um sorriso; o nectar espumante nas taças de crystal; a ambrosia inebriante dos deuses nas horas alegres da vida.

Lá se foi aquelle mundo de vida, de luz, revolvendo-se como as ondas inquietas ao embate do voluptuoso zephyro.

Já lá bem longe desfila a immensa cohorte: baixos, altos, homens encarnados, mulheres azues, crianças louras, cherubins cõr de rosa, anjos doudejando dourados e prateados á luz baça da ultima alampada carnavalesca. Tudo desaparece mais e mais na sombra do passado, e alfim apaga-se de todo.

Alli do outro lado nesse meio tempo ergue-se a realidade da vida séria. A mascara cahe do rosto e o involucro assetinado abre-se e restitue ao tribunal o juiz, á tribuna o advogado, ao doente o medico, á irmã o irmão, á noiva o noivo, aos filhos os paes e aos paes os filhos.

E' finda a loucura.

O peito offegante ha pouco, mostra agora a serenidade limpida do oceano em calma.

Hontem, soleão e risonho. Hoje sério, mas sempre risonho; taes se apresentam desde o primeiro até os ultimos athletas do espirito de associação, como continuaremos a chamar os nossos collegas do Club X.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

## GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES.

### Frei Bartholomeu dos Martyres.

#### TRAÇOS ZOOGRAPHICOS.

Sem que eu queira indiscretamente arrogar-me o direito de indagar da vida dos meus leitores, peço licença para fazer-lhes umas perguntinhas, cujas respostas certificar-me-hão do conhecimento que tenham do Dr. Barata e da sua peregrinação por este valle de lagrimas.

Diga-me, leitor: já foi em quinta-feira de Endoências visitar o paço imperial?

Sem duvida que sim.

Já assistio em sexta-feira da Paixão á passagem da procissão do enterro, ou no mez de junho á de *Corpus-Christi*?

Sem duvida que sim.

Cheio de patriotismo, levantando *hurrahs*, vio algumas vezes desfillarem para o arsenal de marinha aquelles batalhões de voluntarios da patria que iam embarcar, para seguirem ao campo da honra?

Sem duvida que sim.

O meu pio leitor não tem mais de uma vez lançado á bacia de prata, dos pedintes de opa e vara, uma moeda de 40 rs. hoje para o SS., amanhã para a Mãe dos Homens, depois para S. Benedicto, e por ahi além até completar os santos do calendario?

Sem duvida que sim.

E' quanto me basta. Estou plenamente convencido, de que não lhes é estranho o parasita que hoje recebe a honra de entrar nesta galeria.

O Dr. Bartholomeu Bonifacio Barata chegou a esta cidade ha alguns annos, precedido de um renome que attrahio todas as attenções para a sua individualidade. Trazia a fama do *homem do diabo*, do *homem das sete cabeças*, do *homem multiplo*; todos o viam á mesma hora em tantos lugares diversos, que era realmente uma confusão a sua existencia. As crianças corriam á casa a contar ás mamás e ás vovós, que tinham visto o Dr. Barata; era um deus nos acuda!

Houve até uma criança que lhe achou uma certa semelhança com o Marquez de Carabas!

E teve razão, ahi está o quadro que o representa para o attestar.

Procedeu-se á inquirição mais minuciosa, para se precisar a nacionalidade do illustre doutor, e soube se afinal que elle era filho de Pantana, e que de Pantana viera! Isto socegou os alvorocados espiritos dos curiosos, e foi bastante para celebrisar o rival de Carabas. Era filho de Pantana.

Pantana! Essa cidade inexpugnável; essa Pompeia de todos os tempos; esse *refugium peccatorum* de todas as coisas; essa terra maldita ou sanctificada onde só chegam os viajantes em estado de putrefacção.

Ainda ha dias, em um salão de baile onde o Dr. Barata, casacalmente vestido, de gravata e luvas brancas, exercia o honroso encargo de portador de uma bandeja prenhe de chicaras de chá, uma joven que se achava a meu lado, notou que elle não se conservava em perfeito estado de equilibrio, e angurou-me ao ouvido, que as chicaras que o Barata carregava, estavam presas a partir para a terra do nascimento delle. Dito e feito, a bandeja tomou uma pequena inclinação e despejou as chicaras que todas se quebraram; estavam em Pantana.

O Dr. Barata tem uma dedicação especial por tudo quanto interessa á religião. Encontral-o-heis todos os dias em companhia de sacerdotes, e cada vez que sahe uma procissão de uma igreja qualquer, procurai o Barata e vê-lo-heis agarrado ao primeiro guião. Para algumas beatas, o Barata é objecto indispensavel nessas ceremonias religiosas.

Quando se approximam as patrulhas que precedem as procissões, os devotos põem-se nos bicos dos pés, procurando vér alguma cousa ao longe, e ouve-se murmurar uma pergunta que parte de todos os labios: — *Vem o Barata?*

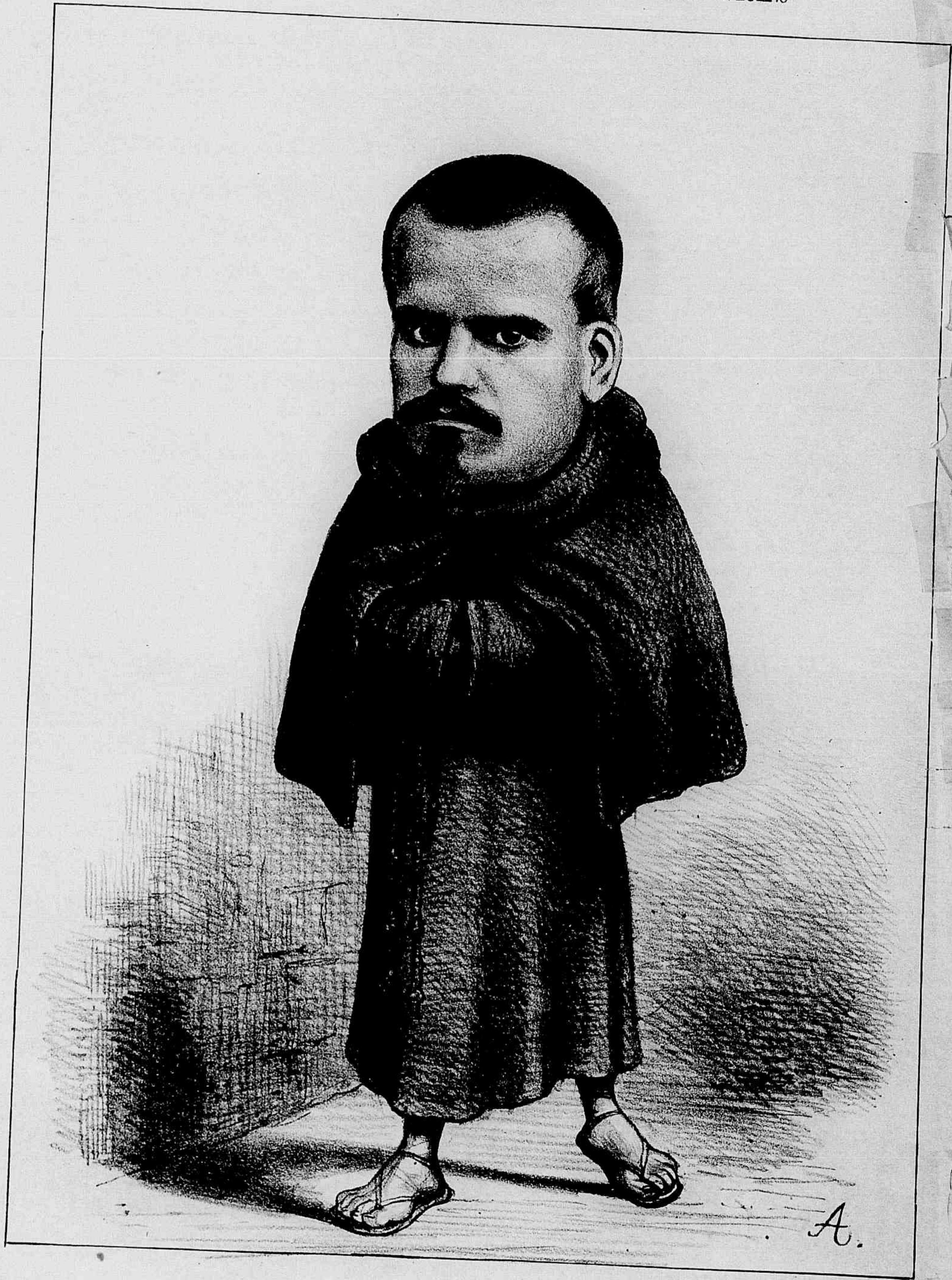
Nos dias de gala se quereis vê-lo firme como um granadeiro, munido de um par de cangalhas de prata, marchar com garbo e elegancia, ide assistir á passagem do corpo de archeiros, e lá estará elle de adaga e lança. Assiste no paço á entrada dos titulares e grandes da terra que vão ao beija-mão, e no dia seguinte a cada um delles que encontra, tira respeitosamente o seu chapéo e faz um cumprimento prolongado.

Dir-se-ia o homem mais relacionado desta capital.

Durante algumas semanas o Dr. Barata perfeitamente enfeitado, de pince-nez e chapéo à Benoiton Rocambole, percorre cem vezes a rua do Ouvidor, pára ás portas das modistas, diz uma fineza e caminha risonho e prazenteiro até findar a sua peregrinação. Quando principia a perder a primitiva côr, o fato no qual empavezado captivara as divas d'aquelle rua, eclipsa-se o nosso homem e a custo se encontra ás esquinas das ruas, de opa vermelha, vara e bacia na mão, esmolando para as irmandades.

Em nome d'ellas e das beatas um voto de gratidão ao Dr. Bartholomeu Bonifacio Barata.

# GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES



III

FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRE

## A PROPOSITO.

Lá se foi o Carnaval, e com elle as formidáveis loucuras de que são susceptiveis os rapazes de 20 annos.

Voltou a calma após a agitação febril de um sonho. Nem sei porque, mas a bonança tem mais encantos depois da tempestade.

Adormecemos alguns instantes sobre os mares encapelados do oceano, e accordamos depois tranquillos e socegados á beira de um lago.

N'aquelle luta dos elementos, o nosso espirito ficou de pé, como o anjo das procellas.

Já é um grande triumpho moral, de que se pôde, a justos titulos, desvanecer o Club X.

A mesa das nossas alegrias nada perdemos, nada.

Considerações e amisades não nos faltaram.

Ao tempo que o publico nos victoriava, as sociedades de origem identica á nossa abraçavam-nos cordialmente. Não ha protesto mais eloquente contra as muitas e pequeninas falsidades que muita gente levantou contra nós.

Estamos contentes de nós mesmos!

Mas o Carnaval devia atrahir a attenção da imprensa, e, como era muito natural, o Club X não podia fugir nem aos seus doestos, nem aos seus elogios!

E elogios e doestos houve-os a não poder mais.

N'uma publicação *bastarda* sahida nos a pedido do *Diario do Rio* (sermão eucomendado, já se vê), pertendeu-se fazer representar o X, no theatro, o papel do lacaio que n'esses dias se vestisse de principe turco ou de rei antigo. Um X, na opinião do tal casquinho de casaca e luvas brancas, era um hottentote perfeito.

Em compensação havia por lá outra sociedade, cujo espirito se lhe destillava do cerebro, (naturalmente pelas pontas dos cabellos), como o suor se destilla em bagas do corpo.

Era uma chuva torrencial de ditos agudos e apimentados. As famílias honestas chegavam a sahir dos camarotes, não porque houvesse alli offensas á moral, mas porque, de mãos nas ilhargas, não podiam mais conter nem suffocar o riso! Houve pelo theatro muita dor de barriga por esse motivo!

— Quem és? oh! sei bem quem és! (assim dizia um dos ditos a um homem respeitavel e de cabellos brancos). Apalpa a testa, vê se no alto da fronte não começa a surgir algum objecto estranho, alguma cousa ponteaguda?!

A linguagem era ainda mais livre do que esta, mas o grande caso é que faria rir os pro-

prios *sugeitinhos* do Apocalipse, se voltassem nesse momento á terra.

Ah! mas isto é que era intrigar! isto é que era espirito!

Fossem lá perguntar-lhe quantas formigas são precisas para levar um sino a uma torre, que elle respondia com menos dificuldade, do que se o interrogassem ácerca da diferença entre um K grego e um X.

Honra seja feita, porém, a quem a merece.

Do meio dessa immensa agglomeração de *tornões de sal*, destacava-se um vulto que per si só, forçoso é confessal-o, dava nome e brilho a uma sociedade inteira. Original desde os pés até á cabeça, sabia attrahir os passeantes com um só gesto, para depois crucifical-os com as ironias mais cruciantes, com os epigrammas mais pungentes.

Além disto, tudo o mais era..... mel e assucar.

A estes apódos, que não dóem, porque a *inveja* tem o defeito de pertencer a um sexo fraco, seguiram-se outros a que vamos responder com o porta-voz para que possamos ser ouvidos lá embaixo, no tremedal immundo, em que um jornal de caricaturas assentou os seus arraiaes.

E' o *Ba-ta-clan*.

Felizmente ou infelizmente esta folha veio-nos ás mãos o outro dia, suja e enlameada.

Seria uma advertencia prévia? Era. Era mais um insulto ao X, mais uma pedrada e pedrada de villão-ruim.

Ha porém circumstancias muito curiosas a proposito desta villania.

Na segunda-feira seguinte á publicação d'aquelle pasquim, em que eramos insultados, o redactor do *Ba-ta-clan*, sem fundamento algum officiou ao consul francez pedindo-lhe providencias a respeito de uns insultos que o X se propunha a praticar neste dia, e que era, logo por acaso, o dia em que todos, nesta capital, se congratulavam com legitimo entusiasmo, pelo feito explendido da passagem de Humaytá.

O consul francez prevenio disto a S. Ex. o Dezembarquador Chefe da Policia, e este dirigio-se felizmente a um amigo nosso d'aquelle repartição, o qual não só se responsabilisou pelos actos do Club X, como demonstrou-lhe quanto era absurda semelhante suposição, pois tínhamos para defender-nos um jornal, se a cousa n'erecesse defesa.

Na noite desse mesmo dia tivemos impetos de mandar convidar o redactor do *Ba-ta-clan* para um copo d'agua que o Club X dava em honra dos valentes marinheiros de Humaytá, e

para assim lhe demonstrar que apenas se tinha assustado da propria sombra.

A difficultade ahi, estava em ser encontrado.

Muitos socios eram de opinião de que elle devia estar, transido de medo, a traz de alguma porta.

*A tout seiguer, tout honneur.*

Eis ahi como nos cumpria responder ao *Ba-ta-clan*.

Nem estava em nossos habitos responder de outra maneira, nem lançar mãos d'outras armas, que as ha bem variadas desde o bastão do mendigo de praça publica, até á lança do muito conhecido conquistador do elmo do Membrino, o valente cavalleiro da triste figura, que ainda pôde ter a gloria de se parecer com muita gente.

O *Heraclio* ao fazer leilão dos seus traistes velhos, atirou-nos tambem uma allusão, que não qualificamos.

E' manha de leiloeiro, quando apregoa espolios de pouco valor, divertir-se com os freguezes para passar melhor o tempo, ou esquecer-se de alguma *roedella de corda*!

O que vale é que aquillo foi um arranco de moribundo prestes a esticar á canella.

Já tinha um fetido a *Ba-ta-clan* que tresandava.

Podéra não !

DR. ROB LAFECTEUR.

### POESIAS.

#### Saudação ao X. (\*)

Hoje cessa a vida séria  
Põe-se de parte a impostura!  
Viva a pandega,—a loucura  
E quem mais pilherias diz!  
Eia pulemos, riamos!  
Rapazes! Não fiqueis tristes!  
Se extravagancias não vistes  
Vinde as vêr no Club X!

Pernas gordas, pernas magras,  
Pernas fulvas e vermelhas,  
Pernas de padres e velhas,  
Perninhas de bem-te-vis!...  
Narizes grossos e grandes,  
Barriguinhas de pansudo....  
Depois que lá foi-se o entrudo,  
Bem se vinga o Club X!

(\*) Distribuida no Carnaval.

Vamos lá! Eia brinquemos!  
Tudo brinca neste mundo  
Desde a serpe, o sapo immundo,  
Até o padre, o juiz!...  
Padres, serpes e juizes,  
Homens de aspas e pontas,  
Erraram sempre nas contas,  
Da conta do Club X!

Vem cá banqueiro fallido!  
Vem cá doutor sem diploma!  
Padre que já foste á Roma  
Com tua sobrepeliz,  
Homens de agora e de outr'ora,  
Gente rica, gente pobre,  
Gente de ferro e de cobre,  
Vinde, vinde ao Club X.

F. VARELLA.

#### Sentinelles, garde a vous! (")

CRI DE CARNAVAL

Toutes les femmes sont à nous.  
(*Chanson de Fortunio.*)

Bacchantes aos postos! Estrellas cahidas,  
Lançai-vos perdidas da vida ao clarão!  
No gaze revoltas, — serenas de prantos  
Abri vossos mantos ao sol da paixão!

Amemos o encanto — sublimes amores!  
Queremos de flôres juncar a amplidão!  
No codigo eterno dos nossos prazeres  
O artigo — mulheres — não soffre um senão.

Ao salto das rolhas pullulem mil hymnos,  
Mil cantos divinos! mil gritos d'amor!  
A espadua robusta de Marco plangente  
Palpite tremente de um beijo na flôr!

Mysterios, rompei-vos! Tremúla o estandarte!  
De Venus e Marte são horas, bacchantes!  
Que os ares se turvem, que os collos, os seios  
Abrazem de anceios as roupas brilhantes.

Bacchantes, aos postos! Estrellas cahidas.  
Lançai-vos perdidas da vida ao clarão!  
No gaze revoltas, — serenas de prantos,  
Abri vossos mantos ao sol da paixão!

DR. GROTIUS,  
(Cousin a Ad. H.)

(\*\*) Idem.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO 91.